

A photograph of a person using a chainsaw to cut a large tree trunk in a forest. The person's arm and the chainsaw are visible on the right side of the image. The background is filled with green foliage and branches. The text 'Cco Digo Florestal +10' is overlaid in large white letters on the left side of the image.

Cco Digo Florestal +10

DAS RAÍZES AO LEGADO



MUDANÇA DO CLIMA, DESMATAMENTO E RESTAURAÇÃO DAS FLORESTAS

Não foi por falta de aviso sobre a importância da prevenção: a doença se instalou e o planeta sucumbiu. Febre alta, calafrios, delírios. Sintomas típicos de uma virose pandêmica – uma consequência, aliás, do ritmo acelerado da devastação global dos ecossistemas nas últimas décadas, como alertavam os cientistas. Mas... e agora? Existe algo que ainda pode ser feito para reverter ou, ao menos, evitar a piora do quadro?

Com a população mundial atingindo a marca de 8 bilhões de pessoas, num cenário marcado por guerras, pandemia e catástrofes ambientais, a hora de agir é agora, e é crucial que haja cooperação entre os mais diversos setores: da academia às organizações ambientais, passando pelo poder público e produtores rurais. Esta foi uma das conclusões dos participantes da mesa de debates “Mudança do clima, desmatamento e

restauração das florestas”, que contou com a participação de Rubens Benini, da The Nature Conservancy, Fernanda Rodrigues, secretária-executiva do Diálogo Florestal no Brasil, Nabil Kadri, chefe do Departamento de Meio Ambiente e Gestão do Fundo Amazônia do BNDES, e

Diretor de sustentabilidade da Associação para Gestão Socioambiental do Triângulo Mineiro (Angá), Gustavo Malacco, foi quem mediou o debate. Segundo ele, o recorde nas taxas de desmatamento no país reforça a importância do Código Florestal. “Por isso, fica cada vez mais evidente a necessidade e a urgência do envolvimento da sociedade, uma força-tarefa justamente para a implementação dessa política pública que é muito importante para o controle do desmatamento e para a preservação das nossas florestas.”



“A regeneração do planeta está em nossas mãos”

“É melhor prevenir do que remediar”, já dizia o ditado popular. No entanto, falhamos na prevenção, colocando o mundo à beira de desastrosos pontos de inflexão climática. A avaliação é do engenheiro florestal Rubens Benini, que entende a restauração como remédio para o “paciente” planeta. Líder da Estratégia de Florestas e Restauração Florestal na América Latina na The Nature Conservancy, ele lembra que 2020 foi o ano mais quente da história, e que os últimos sete anos também registraram as temperaturas mais altas, numa série iniciada em 1850.

Apesar do consenso científico sobre o aquecimento global, há uma parcela de negacionistas climáticos, prejudicando o tratamento. Conforme Benini, é urgente atuar nas causas dessa doença planetária, com ações para combater as mudanças climáticas (eliminar a febre), conservar e recuperar habitats naturais (curar as feridas), garantir acesso à água

e alimento de qualidade (hidratar e alimentar), atender demanda por trabalho e diminuir êxodo rural (que também geram lesões).

“A restauração é isso: curar as feridas abertas. A gente sabe que as florestas são fonte de comida, fibra, energia, biodiversidade, empregos rurais, resiliência climática, segurança hídrica”, diz. Contudo, escala e velocidade são apontados como dois desafios para a restauração. Nesse sentido, os produtores rurais são uma peça-chave e o seu envolvimento pode passar por estratégias que envolvem, por exemplo, fiscalização, pagamento por serviços ambientais e crédito atrelados ao cumprimento do Código Florestal. “As florestas são a maneira original e mais natural de reequilibrar o ciclo de carbono na terra, diminuindo essa febre. (...) A regeneração do planeta está em nossas mãos”, conclui.



Restauração na prática

Ato ou efeito de restaurar, reparo de coisa que se encontra danificada ou em mau estado, restabelecimento do vigor após período de estresse ou doença. São algumas das definições para a palavra restauração que se encontram nos dicionários. Da teoria para a prática, são inúmeros os desafios, mas as conexões entre sociedade civil, poder público e empresariado podem auxiliar. “Os benefícios vão além do ambiental. A gente está falando em benefícios sociais diretos, em econômicos. Então, toda a cadeia de restauração é muito importante”, afirma a engenheira florestal Fernanda Rodrigues.

Secretária-executiva do Diálogo Florestal no Brasil, ela apresentou algumas experiências de coletivos, demonstrando a restauração na prática, em diferentes biomas e territórios. Antes de citar os casos, lembrou que o Diálogo Florestal – que hoje conta com cerca de 200 organizações participantes – é uma iniciativa pioneira e independente, criada em 2005, justamente para facilitar a interação entre empresas florestais, sociedade civil e instituições de ensino e pesquisa.

Foram cinco os casos de sucesso apresentados por Fernanda, os quais mostraram desafios para ganhar escala na restauração florestal e o papel da sociedade civil. As iniciativas eram as seguintes: avanços na recuperação da caatinga, numa ação da Universidade Federal do Vale do São Francisco, que restaurou 770 hectares entre 2017 e 2021; restauração de 320 hectares de APPs em sete municípios do Planalto Norte e 28 do Alto Vale do Itajaí, um trabalho desenvolvido pela Apremavi; a rede de sementes do Xingu, que engloba mais de 560 coletores de sementes (mulheres e indígenas, em sua maioria); o programa Replantando Vida, da Companhia Estadual de Águas e Esgoto do Rio de Janeiro, que inclui presidiários para fazer restauração em bacia que abastece mais de 2,5 milhões de pessoas; e o programa Reflorestar, do Espírito Santo, um modelo de gestão de qualidade que conseguiu escalar trabalhos.

“São iniciativas de múltiplas partes interessadas, e os coletivos têm contribuído imensamente para dar escala, para que se possa cumprir Código Florestal e, com isso, restaurar passivos em APPs e RL, e avançar para restauração de áreas degradadas”



Políticas públicas em foco

Se a restauração florestal é um dos remédios para a doença do planeta, políticas públicas ambientais são como as farmácias ou a rede hospitalar. Sem elas, o tratamento é ineficaz. Chefe do Departamento de Meio Ambiente e Gestão do Fundo Amazônia do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Nabil Kadri destacou, em sua fala, a importância dos investimentos e políticas públicas para viabilizar a conservação e restauração dos ecossistemas.

Além de ter sido, há mais de 30 anos, um dos primeiros bancos a criar uma unidade de meio ambiente, o BNDES ajudou a escrever um dos capítulos da implementação do Código Florestal. Conforme Kadri, nas últimas décadas o banco apoiou 29 projetos vinculados

à restauração florestal, que mobilizaram quase R\$ 300 milhões. Entre eles, dois mencionados anteriormente como casos de sucesso pela secretária-executiva do Diálogo Florestal no Brasil, Fernanda Rodrigues, os da Apremavi e da rede de sementes do Xingu.

Por fim, Kadri ressaltou que qualquer plano de desenvolvimento nacional que olhe para a próxima década não pode deixar de ter a agenda florestal e da biodiversidade como ponto central. Ele defendeu ainda a necessidade de se aliar as agendas da expansão da restauração com a da redução das desigualdades, com a melhoria na transferência de recursos e geração de renda para quem está na ponta.



Lições do Cerrado

Conhecido como berço dos grandes rios brasileiros, o Cerrado é o segundo maior bioma do país, cobrindo cerca de um quarto do território nacional. Nos 2 milhões de hectares quadrados, estão 5% de toda a diversidade do planeta. Para falar sobre as peculiaridades do bioma, o Observatório do Código Florestal (OCF) convidou o biólogo Maximiller Cardoso Ferreira, doutorando e mestre em ecologia pela Universidade de Brasília (UnB), que abordou o papel da restauração do Cerrado na provisão dos serviços ecossistêmicos, seus desafios e oportunidades.

Dominado por savana, mas com flores-tas, o Cerrado compartilha de uma característica típica da própria população brasileira: a capacidade de resiliência. Conforme Ferreira, uma das marcas específicas do bioma é a capacidade de rebrota: as plantas ficam regenerando por décadas no solo. Contudo, o uso de terra muito tecnificado, como agricultura, destrói esta capacidade de regeneração natural, já com a pecuária acontece o contrário. Áreas de

pastagem com baixa lotação podem auxiliar, pois o gado controla capim que compete com as árvores, além de servir de combustível para os incêndios.

Diante das particularidades do bioma, é preciso lembrar que florestar é diferente de reflorestar. Segundo Ferreira, as iniciativas que buscam restaurar devem levar em conta a vegetação original no local. “O florestamento de ecossistemas não florestais tem levado ao colapso hídrico mundo afora”, destacou, acrescentando que o Cerrado também é um importante sumidouro de carbono. “Mas a nossa visão tem que se inverter. Enquanto nas florestas a biomassa se acumula acima do solo, no Cerrado isso acontece principalmente abaixo do solo, pelos sistemas radiculares das árvores e arbustos e também dos capins. No Cerrado, a gente tem que pensar em estocar carbono abaixo da terra.”



Painelistas

Gustavo Malaco – Presidente / Angá (Moderador)

Rubens Benini – Líder da Estratégia de Floresta e Restauração
Florestal na América Latina / The Nature Conservancy

Fernanda Rodrigues - Secretária executiva / Diálogo Florestal no Brasil

Maxmiller Cardoso Ferreira – Doutorando na Universidade de Brasília
/ Caminhos da semente e mestre em ecologia

Nabil Kadri – Chefe do Departamento de Meio Ambiente / BNDES



Link para o debate na íntegra:
<https://www.youtube.com/watch?v=Lqnwz-q2CEY>

Código Florestal +10

DAS RAÍZES AO LEGADO



**OBSERVATÓRIO
DO CÓDIGO
FLORESTAL**



[observatoriocodigoflorestal](#)



[observatorioflorestal](#)



[deolhonocodigo](#)



[observatorioflorestal](#)



[observatorioflorestal](#)



[deolhonocodigo](#)